

RELAÇÕES ENTRE COTIDIANO E INFRAESTRUTURAS URBANAS ANTES, DURANTE E APÓS O “APAGÃO” NO AMAPÁ¹

Newan Acacio Oliveira de Souza (UFSC/Santa Catarina)

Alicia Norma González de Castells (UFSC/Santa Catarina)

Palavras-Chave: *Apagão*; Amapá; Infraestruturas Urbanas.

Introdução

A primeira semana em campo de uma das autoras no Amapá, em março de 2022, foi marcada por “pequenos apagões”. Noites sem energia elétrica, racionamento e a privatização das companhias de eletricidade, de água e de esgoto acontecendo. 25 horas sem eletricidade. Um pouco mais sem água. Chovia bastante e muito se escutava sobre como o *Apagão*² era recente. A nova empresa de energia não emitiu nenhum comunicado ou aviso. Peça quebrada? Acidente na transmissão? Outro raio? Novamente falta de manutenção? Pouco se soube.

Por essas circunstâncias que esse trabalho toma alguns contornos. Desde a vivência das dinâmicas de falta de *luz* às narrativas sobre esses eventos ao longo do tempo. Tratando-se em especial do *Apagão* de novembro de 2020 como um acontecimento chave na interpretação da relação de sujeitos e infraestruturas urbanas de distribuição e gestão de energia elétrica. O olhar proposto situa-se na articulação desses aparatos e suas materialidades junto a diferentes atores, políticas, redes sociais e modos de narrar que se constroem através de diferentes temporalidades e espacialidades (MIGUEL; FIGUEIREDO, 2021).

O enfoque dado está nessas infraestruturas urbanas vistas como agentes da vida na cidade e que estabelecem, a partir de múltiplos contextos, relações com os sujeitos. Assim, trazemos uma narrativa centrada na experiência de uma das autoras, para tratar da construção de uma certa “*cisão*”, situada tanto de forma simbólica quanto política, a partir de um evento: o *Apagão*. O que dá corpo teórico prático para a reflexão são dados

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião de Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² Nesse texto as expressões em itálico fazem referência a modos de falar de interlocutores/as/ies ou a conceitos construídos a partir do campo. O termo *Apagão* refere-se ao evento de novembro de 2020.

produzidos em 2020 (durante esse "sinistro") e conversas e gravações realizadas em 2022, apresentando de que forma tal problemática atravessa as práticas cotidianas. Além desse material, constam algumas colagens e desenhos produzidos, por uma das autoras, em novembro daquele ano (2020), que tratam da formulação de uma narrativa específica da produção etnográfica.

Esta é uma reflexão inicial sobre um complexo emaranhado de relações que se sucederam no Amapá a partir de 2020, mas que se alimentam e tomam corpo a partir de realidades construídas mesmo antes daquele mês de novembro. Dado esse panorama, abordaremos a partir das leituras de Veena Das (2020), a relação entre evento e cotidiano para pensar como que podemos interpretar uma gama de relações centradas não apenas na energia elétrica enquanto uma infraestrutura sensível e visível por sua falta, mas como Larkin (2020) propõe de certo modo, um feixe de dinâmicas que constroem óticas e éticas no contexto estudado. A eletricidade em suas redes de fios, cabos, postes, estações de distribuição e formulação cotidiana é empírica e analiticamente, enquanto infraestrutura (VAIALATI; D'ANDREA, 2020), modo de enxergar dinâmicas de presença do Estado nas narrativas cotidianas, através, em muitos momentos de uma denúncia por parte das pesquisadoras, e de uma "ótica do descaso" apontada por interlocutores/as/us no *Twitter* e em outros contextos.

Situando debates, corpos e experiências

O apagão não foi vivenciado de forma "igualitária", se é que essa tenha sido uma possibilidade, mas foi experienciado de diferentes formas a partir de múltiplos marcadores sociais da diferença. Em nosso caso, apontamos o nosso lugar perante uma experiência específica situada na produção de dados sobre o que acontecia, com o intuito de refletir analiticamente sobre a questão. Não vivenciamos o apagão, a propósito o trabalho de campo (durante as primeiras semanas) foi exclusivamente online e contou com a disponibilidade e o aproveitamento das poucas horas de boa conexão com a internet.

Uma das autoras tem família no Amapá, é dessa forma que se inicia o nosso olhar para as questões do *Apagão* e sua formulação como evento cotidiano, que se refaz, toma novos formatos e, para algumas interlocutoras/es, (re)acontece a cada queda de energia. E, também como evento histórico que hoje está presente, inclusive, em materiais didáticos

disponibilizados pelo Governo Estadual. Para pensar nessa relação - evento e cotidiano - tratamos do que Veena Das propõe enquanto forma de compreender um processo narrativo em que "[...] a vida de pessoas e comunidades particulares que estiveram profundamente inseridas em tais eventos [...] descreve [m] o modo como o evento se prende, com seus tentáculos, à vida cotidiana e penetra os recessos do ordinário" (DAS, 2020, p. 21-22). Talvez, e muito provavelmente, nossa atenção não será similar ao que autora sugere, já que compreender o que foi o evento e como ele se espalha na vida cotidiana e nas histórias particulares têm um tempo diferente e propõem aguçados olhares para questões diferentes do nosso objetivo, mas que ecoam de forma parecida com as interpretações e caminhos que Das toma. Explicamos melhor. A autora trata de eventos de violência a partir de um trato específico da incorporação e reinvenção constante desses eventos na vida de suas interlocutoras e descreve:

Então como devemos ver a violência de eventos que delimitam a etnografia – devemos ver a violência como aquela que excede os limites do mundo, do modo como esse era conhecido? São esses os intrincados quadros do que é fazer e refazer um mundo, trazendo à baila os panoramas de totalidades, partes, fragmentos e limites que nós podemos encontrar. Esses panoramas se associam à questão do que é escrever uma etnografia da violência - uma etnografia que não se vê como testemunho objetivo dos eventos, mas como tentativa de localizar o sujeito por meio da experiência de tais limites (DAS, 2020, p. 26).

Assim, o *Apagão* é uma ruptura inesperada, um *sinistro*, mas que têm ramificações anteriores, que produzem um contexto próprio sobre como as pessoas no Amapá lidam e lidaram com as horas sem energia e comunicação (sem falar nos outros problemas decorrentes). Daí que produzimos esse relato e se produziu os relatos aqui presentes. A primeira ferramenta narrativa utilizada para pensar o *Apagão* é relembrar o que aconteceu e de que forma reverberou lá em novembro de 2020 e a presença importante das redes sociais como veículo em muitos momentos, de reivindicação e suporte de informações. Tanto os feeds do *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* e mensagens de *WhatsApp* quanto as ruas de Macapá e Santana (as duas maiores cidades do Estado) foram ocupadas e acionadas como espaço e fluxos na produção de visibilidade e de registros. E, depois de tratar dessa reverberação, nos fluxos e conversas de uma pesquisa que não tinha ligação direta com o acontecimento (e que deveria)³. A divisão pode parecer, a um primeiro momento um tanto cartesiana, mas frisamos que não é linear e perpassa a compreensão

³ Aqui fazemos referência a dissertação de mestrado em andamento intitulada “Entre o seco, o molhado e o urbano na Amazônia: uma etnografia sobre palafitas e áreas de ressaca em Santana, Amapá”, desenvolvida por Newan Acacio Oliveira de Souza, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAS/UFSC) e orientada pela Profa. Dra. Alicia Norma González de Castells. A pesquisa é financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

de entender um momento "específico"⁴ no tempo e espaço e interpretá-lo a partir de temporalidades constituídas de *tempos* outros pelas histórias e até previsões.

Figura 1 – Expressões de uma relação em campo, naquele novembro de 2020, Santana/Amapá e Canoas/RS. Interlocutora (à esquerda) e antropóloga (à direita)



Fonte: Acervo das Autoras, 2020.

O Apagão

O *Apagão*, em seus muitos modos, iniciou com um silêncio, não apenas inteligível e físico com o interrompimento da distribuição de energia elétrica, mas com a parada de "distribuição" de dados e informações nas redes sociais e outros canais *online*. Quando os primeiros canais de mídias iniciaram a divulgação do ocorrido as tentativas de contato também seguiram a mesma linha. Ligações incompletas. Mensagens que não eram

⁴ A expressão "específico" aqui merece destaque pois não têm o intuito de encerrar o *Apagão*, como um ato isolado no tempo e espaço, mas como algo caracterizado por um contexto socioespacial preciso e que precisa ser pontuado, delimitado em muitos momentos, porque transforma o evento e dá os sentidos que gostaríamos de apresentar. Em especial, as próximas seções desse texto têm enfoque na apresentação de um contexto amplo dessas relações, como o "descaso" e a reivindicações de visibilidade.

recebidas e muito menos lidas. As redes sociais ficaram "vazias". Nenhum *stories*⁵, *fleets*⁶ ou postagens. Junto com a *luz*, a água, a internet e o sinal de telefone também se "foram". (In) comunicação e incertezas dominavam o cenário, pouco se sabia o que acontecia ou tinha acontecido para a situação ter se formado. O cenário se replicou por dias, um dos pontos importantes do *sinistro* e de um olhar atento para algumas dessas relações é justamente uma paisagem pautada na falta de informações tanto advindas do lado de lá para cá quanto de outros trânsitos (daqui para lá ou internas)⁷.

O dia preciso foi 03 de novembro de 2020. Foram, ao todo, mais de 20 dias de *Apagão*. Durante uma forte chuva na madrugada, uma explosão e incêndio ocorreram na principal subestação de distribuição em Macapá. 765 mil pessoas foram afetadas, aproximadamente. 90% da população do Estado. O site de notícias G1 disponibilizou no dia 18 de novembro daquele ano, uma linha do tempo que traz muitos desses acontecimentos⁸. O interesse desse escalonamento de ações é a produção de um relato coeso e trabalhado de acontecimentos que se sucederam de muitas formas, trata-se de um olhar externo do ocorrido. Na matéria pode-se entender o encadeamento de situações, mas a complexidade em algumas de suas minúcias são perdidas, solapadas pela construção de um roteiro e testemunho da história. Não queremos induzir que essa forma de relatar é equivocada, seria contraproducente se fizéssemos⁹, apenas apontar para o que se desenrola adiante: o esvaziamento de sentidos, beirando a banalidade. Afinal, a "normalização" só veio após 2 blecautes totais e 22 dias de racionamento (rodízio de fornecimento (APAGÃO NO AMAPÁ, 2020).

⁵ Ferramenta de postagem de conteúdos como fotos e vídeos curtos que "desaparecem" em 24 horas, comuns no *Facebook* e *Instagram*.

⁶ Ferramenta muito similar aos *stories*, mas hospedada no *Twitter*. Foi disponibilizada no início de 2020 no Brasil e desativada em agosto de 2021.

⁷ Tratamos da escassez de notícias vindas do Amapá para os outros Estados, como da falta de "resposta" ou a demora delas em direção aos problemas enfrentados (sociedade civil e Estado Brasileiro) e também lá, entre Prefeituras, Governo do Estado, a então Companhia de Eletricidade do Amapá (hoje já privatizada) e a empresa responsável pela subestação que causou os problemas de interrupção total e parcial de energia.

⁸ Disponível: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2020/11/18/apagao-no-amapa-veja-a-cronologia-da-crise-de-energia-eletrica.ghtml>. Acesso em: 22 jul. 2022.

⁹ Até porque, a produção dessa reflexão tem fundamento em um "Álbum de Trajetórias" produzido por uma das autoras em 2020. O Álbum foi produto da disciplina "Tópicos Especiais em Antropologia: Pesquisa Etnográfica", ministrada pelas Profas. Dras. Louise Prado Alfonso e Flavia Rieth no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGAnt/UFPel). Essa produção tinha como temática e proposta explorar "o fazer cidades com trajetórias de pessoas, coisas e animais". Algumas das imagens aqui presentes são excertos do Álbum que questionou "Como é vivenciar o *Apagão* no Amapá? Por que o Amapá está no escuro há mais de 30 anos?".

Após o silêncio, as informações começam a surgir. Notícias começam a circular, famílias a saberem da situação de parentes, os Governos emitem notas, passam a pensar e divulgar planos de ação. Correm as fotografias, áudios e outros tantos relatos por grupos e redes sociais. A busca por sinal de celular, comida, água e caixas eletrônicos se inicia. A pandemia de Covid-19 é estancada, tem certa finitude frente ao cenário de caos instaurado. Caos! É assim que descreveram algumas/uns interlocutoras/ies/es naquele momento como também anos após.

Desse momento em diante, uma das autoras utilizou as redes sociais, o *Twitter* em especial, como veículo de acesso e registro do que acontecia. Trabalhava-se com a incerteza, com o que dava para coletar e com os poucos minutos disponíveis do dia a dia atribulado que se desenvolveu para as pessoas. Uma das interlocutoras, uma jovem com cerca de 20 anos, que se preparava para o Enem, e foi uma das protagonistas dessas interações, possuía um acesso mais facilitado à internet e conversávamos quando podíamos. Seu relato, muito vezes em áudios, apontavam o cansaço e uma intensa sensação de incerteza. Segundo ela:

Mas assim o meu dia a dia tem sido bem incerto, com essas mudanças. Antes do apagão eu estava conseguindo me adaptar ao negócio da pandemia [...] mas desde o Apagão eu não fiz nenhum exercício, não li mais nada [...] hoje também tem a organização para a manifestação mais tarde, também estou fazendo os cartazes para mais tarde, então praticamente tudo na minha vida tem girado em torno do que tá acontecendo agora, né? E como sempre muda, não consigo me organizar pra fazer minhas coisas bem como era antes. Então tá sendo assim, pra mim tá sendo angustiante [...] as vezes bate um desespero, mas a gente continua (Transcrição de relato oral, 13 de novembro de 2020).

A interlocutora fala sobre como desenrola a sua rotina durante aqueles dias, ou melhor, como "rotina" é algo não aplicável às suas tarefas naquele momento. Ao tratar das manifestações o trecho introduz uma importante questão sobre como funcionavam os pedidos de respostas da população para governantes: as manifestações. Foram muitas, diversas imagens circularam pela internet, desde daquelas "mais organizadas" e marcadas como às "espontâneas" produzidas por *populares*, essas em sua maioria duramente reprimidas pelas Polícias Civil e Militar.

Figura 2 – Manifestações de *populares* em novembro 2020, em Macapá.



Fonte: Rudja Santos/Amazônia Real (2020)¹⁰

Figura 3 – Manifestação em Macapá, primeiros dias do *Apagão*



Fonte: PSTU online (2020)¹¹

¹⁰ Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/amapa-sem-energia-ha-duas-semanas-moradores-vao-as-ruas-protestar-1.2414775>. Acesso em: 22 jul. 2022.

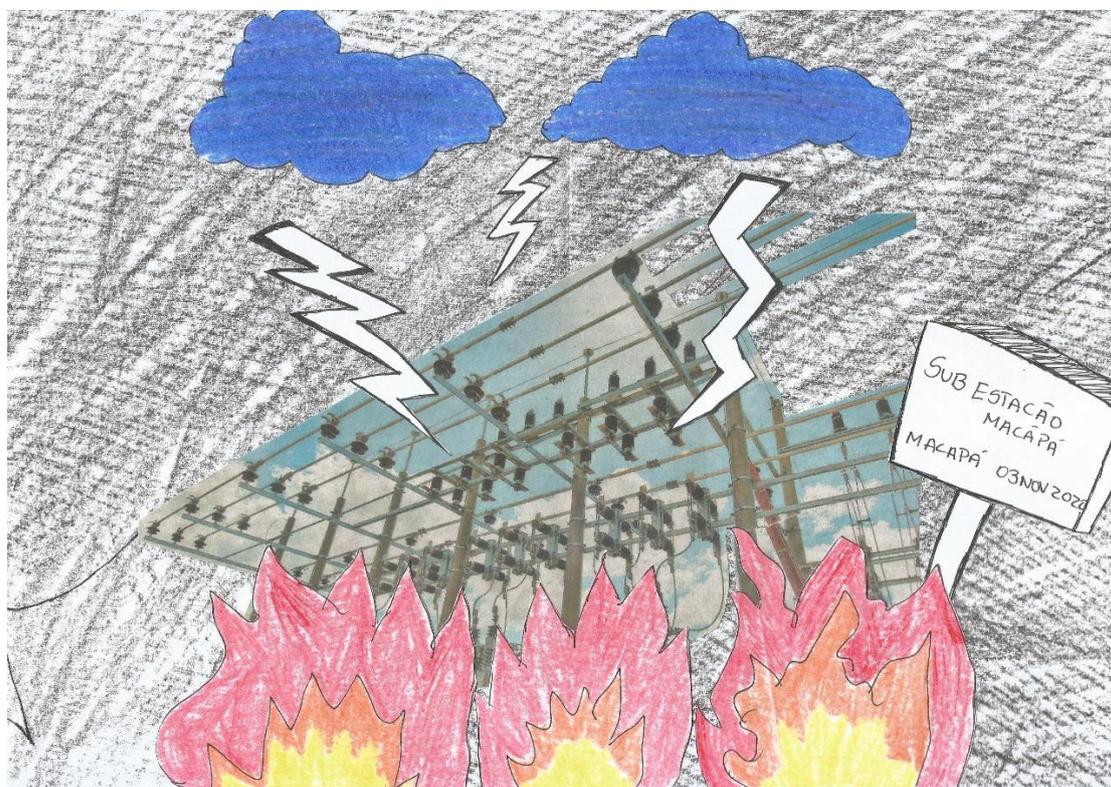
¹¹ Disponível em: <https://www.pstu.org.br/calamidade-no-amapa-continua-e-preciso-um-programa-para-defender-os-trabalhadores-e-o-povo-pobre/>. Acesso em: 22 jul 2022.

A interlocutora trata também do racionamento de energia, estratégia adotada, após os primeiros dois dias sem abastecimento completo de energia, para mitigar os efeitos do *Apagão*. A Companhia de Eletricidade do Amapá, CEA, então estatal, divulgou um cronograma que estipulava o rodízio de abastecimento para que, em linhas gerais, diferentes localidades recebessem eletricidade por algumas horas do dia. Pela fala acima, podemos inferir que a situação não funcionou como o esperado. Muitos bairros continuaram sem *luz* por muito mais tempo do que a CEA e o Governo estadual divulgaram, outros bairros (em zonas economicamente importantes ou de condomínios fechados) desde o início do racionamento não ficaram mais sem energia, de acordo com a maioria das informações que “circulavam” e suas versões sobre o ocorrido. Para outro interlocutor, sobre o racionamento:

É bem desgastante ter que fazer tudo com pressa pra aproveitar a energia, sabe? Lavar roupa, limpar as coisas, viver em função de energia (Relato de interlocutor, 15 de novembro de 2020).

Olha, eu tava melhor sem, quando o Apagão era total. Porque com a energia indo e voltando, a gente tem que ficar atento nos aparelhos e tal [...] (Relato de interlocutor, 15 de novembro de 2020).

Figura 4 – Colagem sobre o Incêndio na Subestação em Macapá



Fonte: Acervo das Autora (2020).

Na madrugada dia 03 o incidente acontece e dias depois algumas notícias chocam alguns e "passam batido" para a maioria. Desde 2018, no mínimo, a empresa que gerenciava a subestação tinha conhecimento que os aparelhos necessitavam de manutenção. Não foi apenas chuva, ou raio, foi em demasia, descaso. Ou, como os cartazes na Figura 2 já apontavam: negligência. Apresenta-se assim uma articulação do que Henri Ascerald (2018) chama de irresponsabilidade organizada.

Ao pensar as infraestruturas nesse trabalho, entendendo a gestão e distribuição de eletricidade como o que dá tônica a essa infraestrutura, vemos o *Apagão* e suas dinâmicas locais e nacionais (palpáveis por sua articulação no *Twitter*) como forma de enxergar aqui o que Larkin (2020) aponta como importante para essa relação antropologia e infraestruturas, já que para o autor essa é a dificuldade, em termos etnográficos, dessa miscelânea em que “sua peculiar ontologia [infraestruturas] situa-se no fato de que elas são coisas e, ao mesmo tempo, são relações entre coisas”, mas também histórias, modos de contar e experienciar práticas ordinárias ou os próprios *sinistros*.

A grande questão das infraestruturas para o contexto é uma dinâmica de presença e ausência e como se materializam diferentes aparatos (sejam esses de reivindicação, resiliência e de práticas de sobrevivência) ao decorrer da externalização das relações entre sujeitos e a eletricidade, em que agentes como a Companhia de Eletricidade, a mídia e o Estado se entremeiam.

Infraestruturas de água e energia: produção discursiva e prática do “descaso”

Nono dia de apagão e finalmente descobrimos que não foi um raio o que causou a maior crise humanitária do Amapá: foi o descaso de uma empresa privada com anuência do poder público que não fiscalizou. PRIVATIZAÇÃO NÃO É A SOLUÇÃO! ÁGUA E ENERGIA NÃO SÃO MERCADORIAS! [Indicação de continuidade em outro tweet] precisamos combater a agenda privatista de Paulo Guedes! Defendam a Eletrobras ou o que tá acontecendo no Amapá hoje vai ocorrer no restante do Brasil no futuro! #SOSAmapa" (Postagem no Twitter, realizada em 11 de novembro de 2020).

A ótica do *descaso* é o que descreve e embasa a construção narrativa do acesso a determinadas infraestruturas urbanas no Amapá. Não é de hoje, de acordo com minhas/meus interlocutores/as/ies. Apresentamos enquanto ótica, pois grosso modo, vai interpelar a visualização (aqui pensada como uma sinestesia de sentidos e não apenas só visual) dos fenômenos vivenciados por essas pessoas. É por entre essa categoria, que

incorpora os eventos à vida ordinária, como diria Das (2020), que interpretamos esses aparatos da vida rotineira entre cisões e alianças.

Em 2022, uma das autoras realizou uma temporada de campo em Santana, segunda maior cidade do Amapá, com o intuito de tratar das dinâmicas de vida e habitação em uma área de ressaca aterrada. Inicialmente, não havia se proposto enfoque algum no *Apagão*, entretanto a etnografia desenrolasse, é propositiva a se reinventar em uma relação construída e mediada pela efemeridade e infinitude dos próprios encontros. Sendo assim, entre conversas sobre palafitas e vizinhos, o *sinistro* e suas reverberações surgiram. Não havia homogeneidade nesse ato de contar histórias e como aponta Vânia Cardoso (2013) é na confabulação e na performance do próprio ato narrativo que a história toma forma, acontece ali no contar e na ação presente.

O *Apagão* junta-se para uma das interlocutoras, Dona Célia - moradora de uma mesma rua há mais de 40 anos - com as lembranças de uma cidade em "seus primeiros passos" ou como alguns gostam de dizer *que viria a ser*. Ela relata sobre tempos em que não havia energia elétrica na sua casa, nem iluminação na rua (ainda inexistente e materializada por pontes de madeira sobre as águas de um *lago*). O protagonismo das/os moradoras/es é essencial para D. Célia. Foi dessa movimentação conjunta que as "conquistas chegaram", certa vez me disse. "Mas sabia, uns anos atrás nós tivemos um apagão muito feio, não sei se tu soube", esboçou essa resposta quando questionada sobre a falta de energia e/ou água no seu bairro.

Para outra interlocutora, Dona Maria, também como D. Célia moradora veterana da região, o *Apagão* não pertencia a uma temporalidade incerta de anos anteriores, era rememorado ao falar. Na apreensão de dias que não são bem quistos, ela me contou sobre os eletrodomésticos perdidos, na agonia das noites quentes e na cidade produzindo um cenário de certo desespero. Filas nos supermercados, comida que faltava e muitas quase estragadas e mesmo assim consumidas.

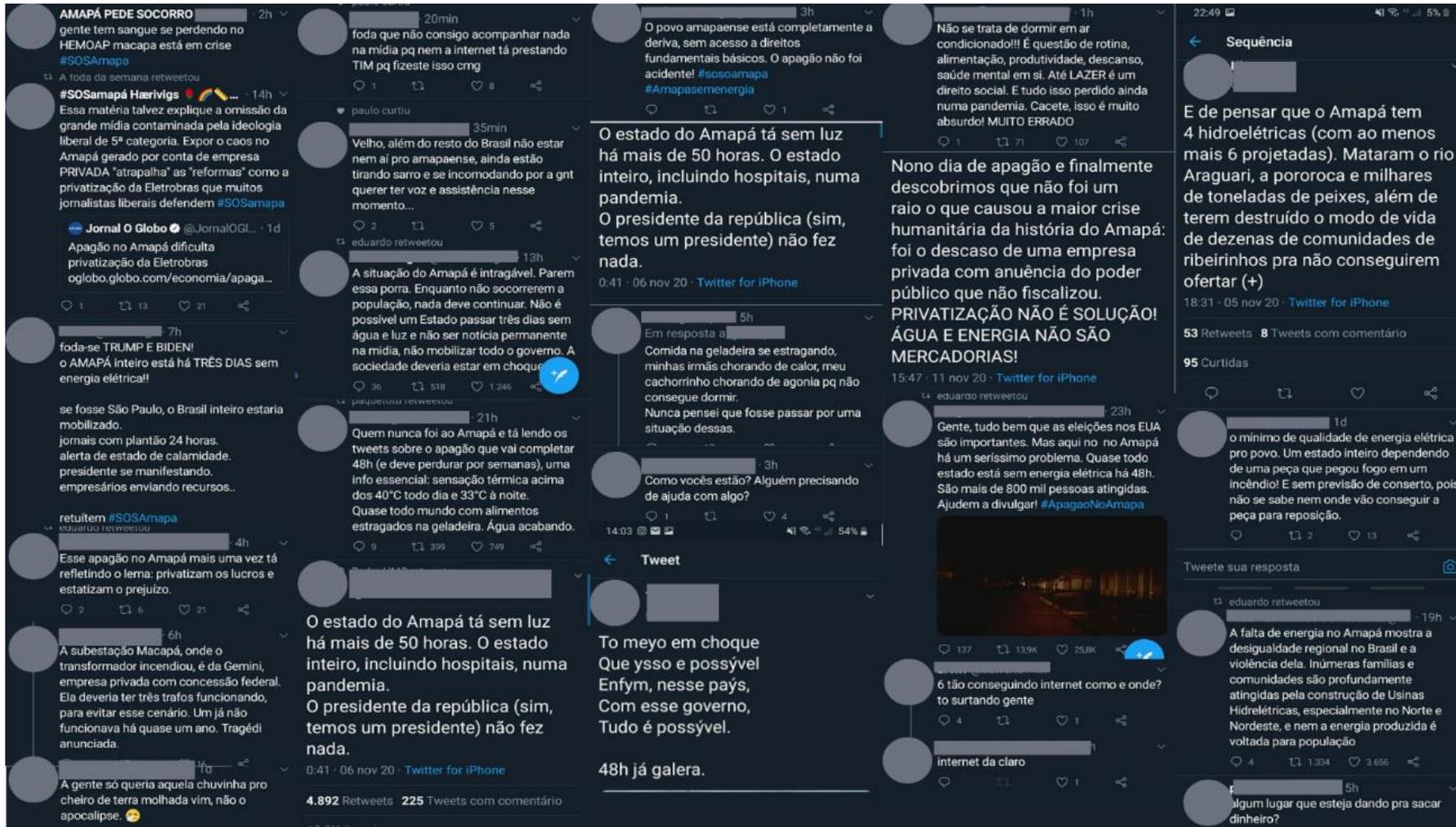
Se para Larkin (2020) o entendimento das infraestruturas está na correlação e construção de sistemas, a "ótica do descaso" aqui se operacionaliza como um *modus operandi* da constituição dessas relações. Desde as promessas eleitoreiras citadas por interlocutores/as, as manifestações pedindo postes e rede elétrica nos 1980, a integração

com o linhão de Tucurí¹² e a privatização da CEA. São diferentes momentos que constituem o evento *Apagão*, e desses muitos momentos do próprio *Apagão* que se constitui a vida ordinária. Quando a eletricidade e sua gestão se chocam com outros aparatos que se entremeiam outras formas de olhar e viver essas infraestruturas, como quando um interlocutor conta que após a privatização e uma nova incorporação de fiscalização da Equatorial Energia, instaurava-se uma disputa entre vizinhos pautadas nas denúncias de avanço sobre o passeio público e construções irregulares. Ou, quando outra interlocutora trata da privatização como não apenas uma transação financeira que vende uma infraestrutura, mas inclusive, as próprias pessoas.

Além disso, os múltiplos acontecimentos de 2020, auxiliam a conceber porque o “descaso” é um ente da própria infraestrutura, tanto quanto postes e transformadores. Citamos anteriormente, a matéria do portal G1 em que se apresentava uma genealogia do *sinistro*, justamente porque o contraste dessa forma de narrar é interessante com o visto nas redes sociais em que as informações surgiam e teciam um fio narrativo sobre esses acontecimentos, centrados no “descaso” e na “indignação” como condutores principais. A composição a seguir (Figura 5), trata de algumas dessas histórias que falam de alta no preço de comidas, falta de água, insatisfação com a atuação do governo federal, entre outras temáticas

¹² A construção do linhão constitui uma dinâmica de conflitos ligados a conexão entre a Usina Hidrelétrica de Tucurí (UHE) no Pará, outras regiões deste estado e do Amazonas e Amapá. Para saber mais em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/linha-de-transmissao-de-tucurui-e-foco-de-conflitos-impactos-e-problemas-que-chegam-a-tres-estados/>. Acesso em: 01 ago. 2022.

Figura 5 – Compilação de tweets sobre os acontecimentos do Apagão, novembro de 2020.



Fonte: Acervo das Autoras (2022).

Considerações Finais

A relação que apresentamos, ao longo desse texto, é de que as reivindicações online e em outros contextos contam parte de uma história que se tece a partir de um jeito de olhar, um jeito de contar, de bradar. Pela incorporação do "descaso" como reflexo do cotidiano, que se abre e se insere novamente nesse cotidiano com eventos de cisão. Esses momentos são reforçados e construídos pelas práticas e relações do dia a dia das pessoas que utilizam a rede de energia elétrica na atualidade, nas mudanças que essa infraestrutura (e tantas outras com conexão inerente a esta, como a água) sofreu e na incorporação de diferentes discursos sobre como internamente (Amapá) a questão é tratada, mas também como que se reverberou em caráter nacional um evento de *sinistro*, que envolveu quase 800 mil pessoas, "desligadas" sem "aviso prévio" de um rede de infraestruturas maior: a eletricidade e a própria comunicação

A internet e a prática cotidiana, presentes a partir de uma etnografia ainda em desenvolvimento, apresentam diferentes roupagens da incorporação e do feixe de significados que aspectos ordinários em demasia são, e aqui a importância do olhar para as infraestruturas em sua complexidade de acordo com Larkin (2020), apresentam uma gama de características que as incorporam como prática social. Assim, o *Apagão* no Amapá é um evento de cisão que têm raízes em situações cotidianas e que reverberou e ainda reverbera em como se sucedem cenários múltiplos entre sujeitos, contos de luz, presença do Estado e da própria iniciativa privada.

Referências

ACSERD, Henri. Mariana, novembro de 2015: a genealogia política de um desastre. In: ZHOURI, Andréa. **Mineração, violências e resistências: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil**. Marabá, PA: Editora iGuana, ABA, 2018, p. 155-175.

APAGÃO NO AMAPÁ: veja a cronologia da crise de energia elétrica. G1 Amapá. 18 de novembro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2020/11/18/apagao-no-amapa-veja-a-cronologia-da-crise-de-energia-eletrica.ghtml>. Acesso em: 22 jul. 2022.

CARDOSO, Vânia Zikán. Contar o passado, confabular o presente: performances narrativas, poéticas e as construções da história. In: RAPOSO, Paulo; CARDOSO, Vânia Zikán; DAWSEY, John Cowart; FRADIQUE, Teresa. (org.). **Terra do não-lugar: diálogos entre antropologia e performance**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013. p. 43-60.

DAS, Veena. **Vidas e palavras: a violência e sua descida ao ordinário**. São Paulo: Editora da Unifesp, 2020.

LARKIN, Brian. Políticas e Poéticas da Infraestrutura. **Revista AntHropológicas**, [S.l.], v. 31, n. 2, p. 28-60, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/249895>. Acesso em: 01 ago. 2022.

MIGUEL, Jean Carlos Hochsprung; FIGUEIREDO, Felipe. "Antropologia das infraestruturas". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2021. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/subcampos/antropologia-das-infraestruturas>. Acesso em: 22 jul. 2022.

VAILATI, Alex; D'ANDREA, Anthony. Antropologia da Infraestrutura no Brasil: Desafios Teóricos e Metodológicos em Contextos Emergentes. **Revista AntHropológicas**, [S.l.], v. 31, n. 2, p. 3-27, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/249899>. Acesso em: 01 ago. 2022.